

CALAMIDADE NO RS

Novo Hamburgo

Em busca de apoios para retomar a Vila Palmeira

Nos próximos dias, a Prefeitura deve ter novidades sobre a situação da reparação do dique que fica ao lado da casa de bombas do bairro Santo Afonso, na Vila Palmeira.

Na terça-feira, a prefeita Fatima Daudt informou que com o rompimento da estrutura localizada junto ao limite entre Novo Hamburgo e São Leopoldo e o estrago da casa de bombas não é possível o retorno dos moradores para suas casas, mesmo que a água baixe. Isso porque não há mais como bombear água do Arroio Gauchinho para o Rio dos Sinos.

Na Vila Palmeira residem 12 mil pessoas, sendo que o problema atinge ainda São Leopoldo. Conforme a prefeitura leopoldense, são 26,3 mil pessoas que vivem na Vila Brás.

Articulação

Ainda na terça, a prefeita solicitou contato com o Comando Militar do Sul do

Exército Brasileiro, comandando pelo general Hertz Pires, para pedir ajuda. As conversas entre a chefe do Executivo e o militar continuaram na quarta-feira e movimentaram as equipes técnicas do município. “Posso adiantar que estamos em conversas adiantadas e até o final do dia teremos novidades sobre a solução para o dique”, declarou Fatima, ontem de manhã. Porém, no final da tarde, o assunto seguia sem novidades.

Estragos

Aparentemente, cerca de 40 metros da estrutura do dique, logo após a casa de bombas, que foi danificada. O dique é responsabilidade do governo federal. No entanto, é necessário que a água baixe para avaliar a dimensão de todos os danos causados pela cheia.

Às 18 horas de ontem o nível do Sinos era de 7, metros, marca que no pico da enchente chegou a 9,73 metros.

Sem previsões por enquanto

Diante de todo o quadro visto até agora, ainda na terça a prefeitura pontuou que não tem ideia de quanto tempo será necessário para que a Vila Palmeira possa ter condições de receber seus moradores novamente. A certeza é que essa cifra é milionária para equacionar a situação. A Administração projeta que o mesmo quadro seja enfrentado por outras cidades gaúchas.

No mesmo dia em que divulgou o quadro

visto no local, outras alternativas em busca de uma alternativa para a Vila Palmeira foram ventiladas. Segundo a chefe do Executivo, assim que for possível viajar, ela irá a Brasília apresentar a situação de Novo Hamburgo, a fim de captar recursos o quanto antes. Além disso, já articula com a Fundação Konrad Adenauer (KAS), entidade política alemã, da qual é integrante, a possibilidade de receber recursos internacionais.



ARTE ALAN MACHADO/GES

Entenda a situação da Palmeira

O Arroio Gauchinho tem sua nascente nos fundos da Fundação Liberato, no bairro Primavera. Ele cruza a BR-116 e segue pelo bairro Liberdade até chegar ao bairro Santo Afonso, onde encontra a casa de bombas na Vila Palmeira e o dique, que protege a região do Rio dos Sinos. A casa de bombas era a estrutura responsável por bombear essa água do arroio para o rio, evitando alagamentos pelo Gauchinho.

Já o Arroio Luiz Rau, que atravessa o Centro de Novo Hamburgo, desemboca em área de banhado do Rio dos Sinos, do lado de fora do dique. Por isso, regiões que também hoje estão afetadas pela enchente do rio, como os bairros Canudos e Industrial e as Vilas Marracos e Kroeff, que ficam na Santo Afonso, não são impactados pela situação da Vila Palmeira.

O dique

O dique, em Novo Hamburgo, tem 2,5 quilômetros de extensão e 9,5 metros de altura. Foi construído com base na maior inundação até registrada, de 1941, quando a cota máxima do Rio dos Sinos foi de 8,5 metros. Desta vez, o nível chegou a 9,73 metros. A proteção é feita com argila, material impermeável, e que precisará ser reavaliada assim que água baixar. O dique começa na altura da Rua Ottawa, em Novo Hamburgo, e vai até São Leopoldo, somando 21 quilômetros de extensão.

ISAÍAS RHEINHEIMER/GES-ESPECIAL



Vitor mostra foto que mostra sua casa coberta d'água

Moradores ainda não assimilam que a volta para casa vai demorar

Isaías Rheinheimer

isaias.rheinheimer@gruposinos.com.br

A notícia de que irá demorar para que os habitantes da Vila Palmeira, no bairro Santo Afonso, possam retornar às suas casas ainda não foi absorvida pelos moradores. O rompimento parcial do dique, o comprometimento da Casa de Bombas e a falta em um plano a curto e médio prazo para bombear a água do Arroio Gauchinho para o Rio dos Sinos indica que parte da vila permanecerá submersa por um longo período até que uma solução seja encontrada pelo poder público.

Os moradores da Vila Palmeira fazem vigília pelas esquinas da Santo Afonso na esperança de conseguir chegar às suas casas o

mais breve possível. Nesta quarta-feira (8), a cada centímetro que a água recua na esquina da Rua La Paz com a Avenida Montevideu, o pedreiro Fábio Soares, 39 anos, dava um passo à frente.

O acompanhamento do recuo da enchente traduz a ansiedade de Soares em ver o que sobrou da residência. “Não acredito nessas notícias de que não vamos poder voltar para nossas casas. Ainda tenho esperanças de voltar”, afirma o morador que reside há 12 anos no Beco da Harmonia na Vila Palmeira.

Soares se mostra perplexo com a situação. “Falta um esclarecimento melhor por parte da Prefeitura. A forma como anunciam as coisas, só aumenta nossa angústia. Não temos prazo para voltar para casa, mas também não vemos ações concretas para resolver o problema. Só ouço falar que falta verba”, lamenta. Atualmente, o pedreiro e a família estão morando de favor na casa do compadre, que abrigou outras cinco famílias de parentes e amigos.

“A vida é dura”

Vitor Mendes Ferreira, 54, também voltou ao bairro Santo Afonso nesta quarta-feira para ver se conseguia chegar à sua casa na Vila Palmeira. Encontrou uma imensidão de água e a notícia de que o recuo ocorre

lentamente. Ali, o ferreiro agrícola também soube da informação de que poderá demorar para poder voltar para casa. “Esse papo me deixa aflito. O que vão fazer com a gente?”, questiona.

Ferreira mora na Palmeira há sete anos com a esposa, que enfrenta um câncer. Os cinco filhos do casal também residem na vila, próximo à casa de bombas e do Arroio Gauchinho. “Olha, meu filho, a vida é dura, mas espero que encontrem uma solução para essa questão da vila”, afirma.

abc+
Leia mais notícias da cidade em abcmas.com/nh

VANDRÉ BRANÇÃO/GES-ESPECIAL



Vista aérea da região da Vila Palmeira, tomada pela água